

Derrida e a essência do político em *Espectros de Marx*

A Evando Nascimento

Antônio Wagner Veloso Rocha

Doutorando em Filosofia / UFMG; professor do Departamento de Filosofia da UNIMONTES; bolsista FAPEMIG

RESUMO

O intento do nosso trabalho será discutir o modo como o filósofo franco-argelino Jacques Derrida constitui a partir da obra *Espectros de Marx* as suas formulações em torno da herança do marxismo em nossos dias – apesar de muitos contestarem a presença de tal herança e a sua necessidade –, apontando para a possibilidade de realizar a *desconstrução* dos conceitos tradicionais de Estado, o que nos permitirá a efetivação de um novo pensamento acerca da essência do político na contemporaneidade.

PALAVRAS-CHAVE

Derrida, espectros, marxismo, política, desconstrução

Ein Gespenst geht um in Europa – das Gespenst des Kommunismus.

Marx e Engels

Espectros de Marx inscreve-se no âmbito do pensamento político contemporâneo como uma das mais significativas expressões de reconhecimento da importância do legado marxiano em nossos dias. O empenho do seu autor, o filósofo franco-argelino Jacques Derrida, traduz-se em chamar a atenção para algo que, apesar de muitos afirmarem ter se desvanecido no tempo e na história, os seus fantasmas insistem em assombrar a época atual, aterrorizando a ordem estabelecida. “Para onde vai o marxismo?” (“*Whither marxism?*”) foi o título de um colóquio internacional

realizado na Universidade da Califórnia, em 1993, tendo Derrida como um dos seus principais conferencistas, sendo que *Espectros de Marx*, fruto dessa sua preleção proferida em duas sessões consecutivas – a partir de um viés político-memorialístico – nos traz à lembrança a relevância do constructo ideológico preconizado por Marx e que ganhou numerosas e controversas dimensões em toda a Europa e no mundo inteiro.

Nessa conferência, Derrida encontra já nas primeiras palavras do *Manifesto do Partido Comunista*, assinado por Marx e Engels em 1847-1848, a sua maior interlocução: “Um espectro ronda a Europa – o espectro do comunismo.”¹ Como um pensador voltado para o horizonte da textualidade, ele concebe o termo “espectro” utilizado no texto marxiano como o fio condutor das suas reflexões, tornando o seu intento por demais audacioso: enquanto muitos proclamavam a “morte” definitiva do marxismo, procurou mostrar a sua incontestável herança.

De acordo com Derrida, “para onde vai o marxismo?” é uma pergunta que traz em si a “experiência de um passado como porvir”² e, por essa razão, é algo que escapa ao próprio tempo, indo além dele. O que se evidencia é a necessidade insistentemente apontada por esse filósofo de fazer justiça às gerações daqueles que não estão mais *presentes*, mas que devem ser lembrados em sua *spectralidade*, uma vez que “nenhuma ética, nenhuma política, revolucionária ou não, parece possível, pensável e *justa*, sem reconhecer em seu princípio o respeito por esses outros que não estão mais ou por esses que ainda não estão aí, *presentemente vivos*”.³

Assim, no início da obra, Derrida esclarece por que se expressa de forma plural – os “espectros de Marx” –, sendo que isto se justifica pelo fato de achar conveniente ampliar o sentido do termo para significar a dimensão das massas, a sociedade, ou até mesmo a dispersão, a heterogeneidade do marxismo. O que observamos nessa empreitada derridiana é uma resistência constante contra o esquecimento daquele que se tornou o grande ideólogo de um mundo sem fronteiras sociais, o mundo da extirpação das diferenças de classe. Ressalta Derrida que “na ocasião em que uma nova desordem

¹ MARX; ENGELS. *Manifesto comunista de 1848 e Cartas filosóficas*, p. 47.

² DERRIDA. *Espectros de Marx: o estado da dívida, o trabalho do luto e a nova Internacional*, p. 12.

³ DERRIDA. *Espectros de Marx: o estado da dívida, o trabalho do luto e a nova Internacional*, p. 13.

mundial tenta instalar seu neocapitalismo e seu neoliberalismo, denegação alguma consegue desembaraçar-se de todos os fantasmas de Marx”.⁴

A perspectiva ética associada à dimensão política comparece em *Espectros de Marx* colocando a questão da herança como algo essencial, pois é dela que decorre a responsabilidade e a ação, o compromisso com as causas do *outro*, que pode estar *vivo* ou *morto*, *nascido* ou ainda *porvir*. Sendo *mais de um*, uma realidade plural, ou *menos que um*, situando-se na impossibilidade de constituir-se como uma coisa una, o espectro se encontra no terreno do indecível. Ele não está morto nem vivo. O marxismo, como espectro, é uma aparição resguardada no limiar do ser e do não ser. Daí a *hauntologie* invocada por Derrida. Segundo Anamaria Skinner,

em *Espectros de Marx*, a espectralidade é o viés estratégico que a desconstrução assume. Partindo da experiência do indecível, Derrida promove nesse livro o retorno a Marx, estruturando mais uma cadeia textual do discurso desconstrutivo, uma espectografia.⁵

Desta forma, convém salientar que através da referida obra Derrida constitui um novo debate, possibilitando o estabelecimento de uma aproximação entre desconstrução e marxismo, uma vez que essas duas tendências de pensamento sempre se viram marcadas por um certo distanciamento entre si e, de modo especial, no Brasil. Exemplo disso é o fato das escassas reações de receptividade com relação à sua publicação em 1993.

O aparecimento desta obra não despertou grandes debates acadêmicos e nem tampouco significativas publicações e resenhas nas universidades brasileiras. O que se viu foram apenas algumas alusões a seu respeito em textos de jornais. Conforme atesta Fábio Akcelrud Durão,

o silêncio em torno de *Espectros de Marx* é revelador de algo de estaque em nossa vida intelectual, onde as diferentes correntes de pensamento (...) dificilmente se relacionam, mantendo ao invés uma ignorância ativa, muitas vezes insistindo em um silêncio arrogante perante visões opostas.⁶

Diferente reação ocorreu nas academias dos Estados Unidos, onde *Espectros de Marx* foi recebida a partir do entendimento de que não há nada que impeça

⁴ DERRIDA. *Espectros de Marx*: o estado da dívida, o trabalho do luto e a nova Internacional, p. 58.

⁵ SKINNER. *Espectros de Marx: por que esse plural?*, p. 65.

⁶ DURÃO. *Derrida, Marx e seus espectros: reconstituindo um debate*, p. 224.

desconstrução e marxismo andarem juntos, uma vez que não são “absolutamente incompatíveis, podendo ser situados ainda que conflitadamente, no mesmo horizonte intelectual”.⁷ Porém, isto não equivale a dizer que há nas academias norte-americanas uma expressiva abertura para determinados diálogos, mas o que em muitas situações está em jogo é a rentabilidade econômica das teorias quando transformadas em produtos de mercado.

Talvez a tímida aceitação de *Espectros de Marx* nas cátedras brasileiras também esteja relacionada ao fato de já haver se impregnado erroneamente em nossa cultura política a concepção de que o marxismo, de fato, estaria morto, tornando-se um registro remoto, apagado, sem qualquer vinculação com a vida presente, até porque mudaram-se as relações de trabalho.

Curiosamente, no mesmo ano em que Derrida realiza a conferência que deu origem à obra *Espectros de Marx*, ou seja, 1993, o pensador brasileiro J. Chasin apresenta, no XVII Simpósio Nacional de História, promovido pela Associação Nacional de História (ANPUH), em São Paulo, o texto intitulado “Marx: a determinação ontonegativa da politicidade”, no qual, já no início da sua exposição, esclarece que tem como propósito “trazer à baila, ao menos por algumas horas, a figura de Marx – o eterno enjeitado, mil vezes sepulto e sempre temido formulador teórico – através da esfera de seu pensamento”.⁸ Acrescenta ele que o momento seria adverso e inoportuno para tal questão, uma vez que toda a perspectiva em torno do trabalho proposta por Marx acabou sendo derrotada, sobretudo com a implosão do Leste Europeu. Somado a isto, adverte Chasin que a época atual passa por uma “reinvocação salvacionista da política (...) em que já se evidenciam sintomas agudos do próprio esgotamento da política”.⁹

Mesmo nesse cenário de extrema desfavorabilidade para qualquer tentativa de retorno ao projeto marxista, Chasin – assim como Derrida em *Espectros de Marx* – se propõe a fazer o que ele chama de uma “autêntica redescoberta” dessa tendência de pensamento, porém evidentemente guiado por caminhos e aspectos distintos dos traçados pelo empreendimento derridiano.

⁷ DURÃO. Derrida, Marx e seus espectros: reconstituindo um debate, p. 224-225.

⁸ CHASIN. Marx: a determinação ontonegativa da politicidade, p. 129.

⁹ CHASIN. Marx: a determinação ontonegativa da politicidade, p. 130.

É importante mencionar que tanto Derrida quanto Chasin falam de um retorno a Marx e conseqüentemente ao marxismo. Embora nunca tenha sido marxista, Derrida se entrega à tarefa de reivindicar uma atenção especial às formulações teóricas de Marx, conforme já assinalamos. A sua trajetória intelectual e a sua inserção política nos acontecimentos do mundo contemporâneo lhe fornecem a condição necessária – associada a uma notória respeitabilidade – para colocar em xeque um assunto tão urgente e essencial em nossa época.

Das investidas políticas de Derrida, podemos ressaltar, dentre outras, a sua militância e posicionamento durante a realização de uma campanha favorável à libertação do ex-presidente da África do Sul, Nelson Mandela, preso em 1962, e a luta contra o *apartheid*, movimentos em que teve uma considerável atuação e relevante empenho como ativista e pensador. Além disso, destacou-se como líder de uma engajada mobilização de combate ao racismo na França, pois naquele país imperava-se uma acentuada intolerância com relação aos imigrantes do norte da África. Essa mobilização defendia o direito dos imigrantes de obterem cidadania e serem reconhecidos como parte integrante da população francesa. A solidariedade dispensada por Derrida ao povo africano pode ser verificada, por exemplo, no denso conteúdo da conferência “O perdão, a verdade, a reconciliação: qual gênero?”, proferida no Brasil em 2004 pelo próprio filósofo, por ocasião de um colóquio internacional dedicado ao seu pensamento.

Na abertura da conferência em questão, após destacar, através de um breve relato, a ausência de ressentimentos e desejo de vingança por parte de Nelson Mandela ao sair da prisão em 1990, Derrida alude-se ao discurso hegeliano sobre o perdão presente na penúltima página do capítulo sobre “O espírito” em *Fenomenologia do espírito*, em que aparece a expressão *das Wort der Versöhnung*, ou seja, “palavra de reconciliação”. Assim, entende ele que o tema do perdão e da correção das injustiças passa pela invocação de um outro espectro: o espectro de Hegel. Nas suas palavras: “A voz em *off* do espectro de Hegel, provavelmente a ouvimos indagar-se, constatando hoje, hoje mesmo, o aumento crescente das cenas de arrependimento, de perdão pedido e de reconciliação.”¹⁰ Isso nos leva a compreender que a ideia de espectro encontrada em Marx ronda os escritos políticos de Derrida, permitindo-lhe fazer uma nova leitura

¹⁰ DERRIDA. O perdão, a verdade, a reconciliação: qual gênero?, p. 46.

dos desafios da contemporaneidade e demarcar as suas inquietações quanto aos mesmos. Porém, sem deixar de se levar em conta a seguinte recomendação:

Não podemos considerar o texto de Marx, o de Engels ou Lênin, como uma elaboração completamente pronta que deveria ser *aplicada* simplesmente à conjuntura atual. Ao dizer isso, não afirmo nada que seja contrário ao marxismo – disso estou convencido. Não se tem que ler esses textos de acordo com um método hermenêutico ou exegético que aí buscaria, sob uma superfície textual, um significado acabado. A leitura é transformativa.¹¹

O exposto acima coloca em evidência uma das características da desconstrução: a assimilação do texto como algo inacabado e passível de determinados deslocamentos. Esta “leitura transformativa” aludida por Derrida apresenta-se em *Espectros de Marx* de maneira bastante acentuada e decisiva para os desdobramentos da própria obra. Derrida confessa que após reler o *Manifesto* e outros textos marxianos chegou à constatação de que há “poucos textos na tradição filosófica, talvez nenhum outro, cuja lição parecesse mais urgente nos dias de hoje”,¹² sendo que “será sempre um erro não ler, reler e discutir Marx (...), uma falta de responsabilidade teórica, filosófica, política”.¹³ E ainda acrescenta:

Uma vez que a máquina de dogmas e os aparelhos ideológicos “marxistas” (Estados, partidos, células, sindicatos e outros lugares de produção doutrinária) se encontram em curso de desaparecimento, não temos mais desculpas, somente álibis, para desviar-nos desta responsabilidade.¹⁴

Diante da insistência de Derrida em apontar a relevância do *Manifesto* no cenário do pensamento político mundial, faz-se necessário abordar aqui – mesmo que de maneira sucinta – o contexto em que o mesmo é redigido, bem como alguns aspectos significativos do seu conteúdo. Conforme nos lembra José Arthur Giannotti, “o texto abre-se com uma análise da luta de classes e termina convocando os operários do mundo inteiro à união”.¹⁵ O que se observa, antes de tudo, no *Manifesto*, é que se trata

¹¹ DERRIDA. *Posições*, p. 71. (grifo do autor)

¹² DERRIDA. *Espectros de Marx: o estado da dívida, o trabalho do luto e a nova Internacional*, p. 29.

¹³ DERRIDA. *Espectros de Marx: o estado da dívida, o trabalho do luto e a nova Internacional*, p. 29.

¹⁴ DERRIDA. *Espectros de Marx: o estado da dívida, o trabalho do luto e a nova Internacional*, p. 29.

¹⁵ GIANNOTTI. In: *Karl Marx*, p. 12.

de um programa político marcado pela emancipação do trabalhador diante dos ditames do modo de produção capitalista. O seu caráter crítico e panfletário apresenta-se como uma forma concreta de denúncia da exploração humana, atacando a propriedade privada em defesa de uma prática coletiva de administração da produção.

A elaboração do *Manifesto* originou-se da necessidade de alimentar o aspecto utópico presente nas tentativas de organização dos operários, dando vazão a uma concepção mais efetiva de um projeto de sociedade onde não haja classes. A maior expressão dessa utopia proletária era a avalanche de manifestações por toda parte da Europa, anunciando o clamor dos operários diante do desejo de pôr um fim à escravidão imposta pelo capitalismo. O clima revolucionário denominado por Marx de “espectro do comunismo” rondava o continente com o intuito de tornar todos os trabalhadores livres de qualquer imposição. Aponta Derrida que no *Manifesto do partido comunista* “Marx, a menos que seja o outro, Engels, põe em cena, durante alguns parágrafos, o terror que esse espectro inspira a todas as potências da velha Europa. Só se fala dele”.¹⁶

Assim, é importante registrar que foi em meio a esse ambiente de intensa luta social que nasceu o *Manifesto do partido comunista*. Indicados para redigir o referido *Manifesto* – por determinação do II Congresso da Liga Comunista, realizado em Londres em 1847 –, Marx e Engels apoiaram-se na análise histórica dos modos de produção, chegando a constatar que “a sociedade burguesa moderna não aboliu os antagonismos de classe; apenas estabeleceu novas classes, novas condições de opressão”.¹⁷ Isto implica afirmar que, inseridos nesse contexto de expansão da pobreza do operariado e do acentuado acúmulo de bens da burguesia, Marx e Engels se veem diante da difícil tarefa de levar até às últimas consequências os objetivos desse programa revolucionário que, *grosso modo*, propõe repensar a lógica do capital.

O que fica evidente é que o *Manifesto* não é fruto apenas do pensamento de Marx e Engels, mas é o resultado de uma expressão popular, o anseio de uma coletividade que se traduz a partir de um documento de cunho prático e objetivo. Trata-se, conforme está explícito em seu último capítulo, de uma “posição dos comunistas diante dos diferentes partidos de oposição”¹⁸ ao declararem “abertamente que seus fins

¹⁶ DERRIDA. *Espectros de Marx: o estado da dívida, o trabalho do luto e a nova Internacional*, p. 136.

¹⁷ MARX; ENGELS. *Manifesto comunista de 1848 e Cartas filosóficas*, p. 52.

¹⁸ MARX; ENGELS. *Manifesto comunista de 1848 e Cartas filosóficas*, p. 91.

só poderão ser alcançados pela derrubada violenta de toda a ordem social existente”,¹⁹ ou seja, pelo extermínio definitivo das classes dominantes. Segundo Derrida, no *Manifesto*, Marx, ao nomear o espectro do comunismo, acaba situando-o a partir de um viés histórico cuja invocação é a presença daquilo que virá, o anúncio de uma realidade presente, viva, como uma perspectiva futura. Na sua concepção,

o *Manifesto* invoca, reclama esta apresentação da realidade viva: é preciso fazer com que, no porvir, este espectro – e, em primeiro lugar, uma associação de trabalhadores obrigada ao segredo até por volta de 1848 – torne-se *uma realidade* e uma realidade *viva*. É preciso que esta vida real se mostre e se manifeste, que ela se *apresente* para além da Europa.²⁰

Nesse caso, o espectro a que Marx se alude, inversamente ao que fora discutido por Derrida no início da sua obra – e o próprio filósofo nos chama a atenção para isto –, não se refere a um presente passado, ao que está intrínseco no trabalho do luto mundial, o retorno de um morto, mas à dimensão da história desse espectro como um acontecimento ainda por se circunscrever nas relações sociais, ainda por se tornar uma presença revolucionária. Assim, a aspiração desta presença se dá através da formulação de um manifesto, cujas bases são construídas no seio de um partido: o Partido Comunista. Trata-se, portanto, de um manifesto que põe em discussão os ideais de um partido, sendo este o instrumento de organização da luta dos trabalhadores.

Para Derrida,

Marx já dá a forma partido à estrutura propriamente política da força que deverá ser, segundo o *Manifesto*, o motor da revolução da transformação, da apropriação e depois, finalmente da extinção do Estado e do fim do político enquanto tal.²¹

Isto significa que o materialismo histórico, à medida que estabelece os determinismos socioeconômicos da história, parece reduzir drasticamente o campo do político. Assim, o que se coloca em questionamento é justamente qual seria a partir daí o sentido da ação política. Porém, entendemos que o que está em jogo, de certa forma, não possui nenhuma relação com os temas escatológicos que foram aparecendo no decorrer do pensamento contemporâneo e que Derrida teria denominado “tom apocalíptico da

¹⁹ MARX; ENGELS. *Manifesto comunista de 1848 e Cartas filosóficas*, p. 92.

²⁰ DERRIDA. *Espectros de Marx: o estado da dívida, o trabalho do luto e a nova Internacional*, p. 139. (grifo do autor)

²¹ DERRIDA. *Espectros de Marx: o estado da dívida, o trabalho do luto e a nova Internacional*, p. 139.

filosofia”, ou seja, a necessidade de chamar a atenção para questões como “o fim do homem”, “o fim da história”, “o fim da filosofia”. O próprio Marx acabara contribuindo para colocar em evidência o fim da metafísica tradicional pelo viés do materialismo, sendo que posteriormente algumas correntes trouxeram à baila a proclamação do “fim do marxismo”.

Desta forma, o que se pode observar é que *Espectros de Marx* se constitui como uma obra que vai na direção contrária a esse horizonte escatológico do qual o marxismo se tornou vítima. Discute Derrida que “como esse final singular do político corresponderia a uma apresentação de uma realidade absolutamente viva; há aí uma razão a mais para se pensar que a essência do político terá sempre a figura inessencial, a anessência mesma de um fantasma”.²² Diante disso, o filósofo chega à seguinte conclusão: “O que tende a desaparecer no mundo político que se anuncia, e talvez em uma época da democracia, é a dominação dessa forma de organização a que se chama partido.”²³ Acrescenta ele que todos os regimes políticos só foram possíveis mediante a axiomática de um partido. Exemplo disso foram a democracia parlamentar e liberal, as monarquias constitucionais, os totalitarismos nazista, fascista ou soviético.

De acordo com Derrida,

parece que por toda parte do mundo de hoje, a estrutura do partido vem se tornando não somente cada vez mais suspeita, (...) mas radicalmente inadaptada às novas condições – tele-tecno-midiáticas – do espaço público, da vida política, da democracia e dos *novos* modelos de representação (parlamentar e não-parlamentar) que ela reclama.²⁴

O exposto acima nos possibilita compreender que a relação partido-Estado acaba ficando comprometida. Assim, uma reflexão sobre o que advirá amanhã ao marxismo, à sua herança ou ao seu testamento, segundo o filósofo, deverá incidir, entre tantas outras coisas, sobre a finitude de um conceito ou de uma certa realidade do partido, estendendo aí ao seu correlato estatal. Derrida expõe ainda que há a necessidade de uma “desconstrução dos conceitos tradicionais de Estado e, portanto, de partido e de

²² DERRIDA. *Espectros de Marx: o estado da dívida, o trabalho do luto e a nova Internacional*, p. 139.

²³ DERRIDA. *Espectros de Marx: o estado da dívida, o trabalho do luto e a nova Internacional*, p. 139.

²⁴ DERRIDA. *Espectros de Marx: o estado da dívida, o trabalho do luto e a nova Internacional*, p. 140. (grifo do autor)

sindicato”.²⁵ Embora não signifiquem a extinção do Estado no sentido marxista, não se pode analisar sua singularidade histórica fora da herança marxista, pois a herança é um elemento crítico e transformador para o desenvolvimento dessa análise. Em *Espectros de Marx* lembra Derrida que “houve um momento na historiografia política europeia em que era tido como um gesto reacionário invocar o fim do partido”.²⁶ Porém, na perspectiva marxista, “o partido comunista universal, a Internacional Comunista constitui-se como a encarnação final, a presença real do espectro, ou seja, o fim do espectral”.²⁷

RESUMÉ

L'objectif de notre travail sera de discuter la façon dont le philosophe franco-algérien Jacques Derrida a constitué, à partir de l'œuvre *Spectres de Marx*, ses formules autour de l'héritage du marxisme de nos jours – malgré les nombreuses contestations de cet héritage et de sa nécessité – , pointant la possibilité de réaliser la déconstruction des concepts traditionnels de l'État, ce qui nous permettra l'effectivité d'une nouvelle pensée autour de l'essence du politique dans la contemporanéité.

MOTS-CLÉS

Derrida, spectres, marxisme, politique, déconstruction

REFERÊNCIAS

BOTTOMORE, Tom; NISBERT, Robert. *História da análise sociológica*. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1980.

CHASIN, J. Marx: a determinação ontonegativa da politicidade. In: _____. *Ensaio Ad Hominem/Estudos e Edições Ad Hominem*. São Paulo: Estudos e Edições Ad Hominem, 2000. n. 1, Tomo III - Política. p. 129-161

²⁵ DERRIDA. *Espectros de Marx*: o estado da dívida, o trabalho do luto e a nova Internacional, p. 140.

²⁶ DERRIDA. *Espectros de Marx*: o estado da dívida, o trabalho do luto e a nova Internacional, p. 140.

²⁷ DERRIDA. *Espectros de Marx*: o estado da dívida, o trabalho do luto e a nova Internacional, p. 140.

DERRIDA, Jacques. *Espectros de Marx: o estado da dívida, o trabalho do luto e a nova Internacional*. Trad. Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

DERRIDA, Jacques. O perdão, a verdade, a reconciliação: qual gênero? In: NASCIMENTO, Evando. (Org.). *Jacques Derrida: pensar a desconstrução*. São Paulo: Estação Liberdade, 2005. p. 45-92.

DERRIDA, Jacques. *Posições*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

DURÃO, Fábio Akcelrud. Derrida, Marx e seus espectros: reconstituindo um debate. In: SANTOS, Alcides Cardoso dos (Org.). *Desconstruções e contextos nacionais*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006. p. 224-238.

GIANNOTTI, José Arthur. In: *Karl Marx*. Trad. Edgard Malagoti e José Arthur Giannotti. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Col. Os Pensadores.)

LEFEBVRE, Henri. *Marxismo*. Trad. William Lagos. Porto Alegre: L&PM, 2009.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto comunista de 1848 e Cartas filosóficas*. Trad. Klaus Von Puschner. São Paulo: Centauro, 2005.

RAMOND, Charles. *Le vocabulaire de Derrida*. Paris: Ellipses Édition Marketing S. A., 2001.

SKINNER, Anamaria. Espectros de Marx: por que esse plural? In: GLENADEL, Paula; NASCIMENTO, Evando (Org.). *Em torno de Jacques Derrida*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2000. p. 65-75